

## Mulheres atletas nas Olimpíadas de Tóquio 2020: olhares da imprensa escrita brasileira

*Women athletes at the Tokyo 2020 Olympics: views of the brazilian written press*

Lucimara Fabiana Fornari<sup>ai</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8655-6549>

Rafaela Gessner Lourenço<sup>bii</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3855-0003>

Emiko Yoshikawa Egry<sup>ciii</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0974-0315>

Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca<sup>div</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9440-0870>

Recebido em: 21/10/2022. Aprovado em: 23/11/2022.

### Resumo

A pesquisa buscou conhecer o conteúdo ideológico das reportagens publicadas nos cadernos especiais de três jornais brasileiros sobre a participação das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, na perspectiva de gênero. Trata-se de estudo documental de abordagem qualitativa. Foram selecionadas 157 reportagens e submetidas à análise de conteúdo temático com o apoio de *software*. Os resultados revelam que a conquista da medalha olímpica é recente e difícil para as mulheres e a imprensa se mostrou pouco crítica e superficial em relação às questões de gênero nesse espaço social.

**Palavras-chave:** gênero e saúde; esportes; publicação periódica.

### Abstract

The research sought to know the ideological content of the reports published in the special sections of three Brazilian newspapers about the participation of women athletes in the Tokyo 2020 Olympic Games, from a gender perspective. This is a documentary study with a qualitative approach. 157 reports were selected and submitted to thematic content analysis with the support of the software. The results reveal that the conquest of the Olympic medal is recent and difficult for women and the press was not critical and superficial about gender issues in this social space.

**Keywords:** gender and health; sports; periodical.

<sup>a</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [lucimaraaffornari@gmail.com](mailto:lucimaraaffornari@gmail.com)

<sup>b</sup> Universidade Federal do Paraná, Departamento de Enfermagem, Curitiba, Paraná, Brasil. E-mail: [rafaelagessner@ufpr.br](mailto:rafaelagessner@ufpr.br)

<sup>c</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [emiyeqry@usp.br](mailto:emiyeqry@usp.br)

<sup>d</sup> Universidade de São Paulo, Escola de Enfermagem, Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: [rmsgsfon@usp.br](mailto:rmsgsfon@usp.br)



## Introdução

Historicamente, os esportes são um importante espaço para a transmissão de conteúdos ideológicos, como a luta pela igualdade de gênero. Os Jogos Olímpicos antigos, realizados entre 776 A.C. e 393 A.C., contavam somente com a participação masculina. Mesmo os Jogos Olímpicos modernos, até a edição de 1900, permitiam exclusivamente a participação de homens nas competições, sob a crença de que as mulheres eram frágeis, modestas e relutantes ao esforço físico. Somente a partir da última década do século XX, a discussão sobre a igualdade de gênero despertou o interesse do Comitê Olímpico Internacional (COI) e chamou a atenção nessa competição (NUNES, 2019).

Mesmo que atualmente perceba-se a superação da ideia de vários elementos limitadores da participação das mulheres nos Jogos Olímpicos, outros ainda persistem, dificultando a expressividade feminina desportiva. Essa condição se justifica, em parte, devido às poucas oportunidades e reduzidos salários oferecidos às meninas e mulheres que optam pela carreira profissional esportiva (MARTÍNEZ; MARTÍN; BENÍTEZ, 2021).

Nas últimas edições dos Jogos Olímpicos, houve aumento expressivo da participação das mulheres. No Rio de Janeiro, em 2016, e em Tóquio, em 2020, aumentou a visibilidade e o protagonismo das atletas, especialmente do Brasil. Ao lado disto, evidenciaram-se também a produção e a reprodução de estereótipos de gênero em vários âmbitos, com destaque para a veiculação das conquistas e derrotas nas modalidades femininas, pela mídia jornalística (FORNARI *et al.*, 2019).

A produção e reprodução dos estereótipos de gênero nos esportes não se restringem ao espaço das competições. Pesquisa sobre a história do COI reconhece que o aumento do número de mulheres atletas não incluiu os espaços de liderança da instituição, dos quais as mulheres ainda são excluídas porque supostamente não possuem habilidades e experiências necessárias para a gestão (PAPE, 2020).

Os estereótipos de gênero atribuídos às mulheres foram também verificados em uma revisão sistemática sobre a representação midiática das atletas nos Jogos Olímpicos. Em geral, elas são retratadas como emocionalmente fracas, dependentes e passivas, importando mais a beleza e a sexualização dos seus corpos que a capacidade física para competir (FERNÁNDEZ; MUÑOZ, 2021).

Diante do exposto, é recomendada a expansão de estudos sobre o tema para esta e outras competições, modalidades esportivas e midiáticas, a fim de promover a implementação de medidas para a promoção da equidade de gênero no contexto esportivo (FERNÁNDEZ;

MUÑOZ, 2021).

O presente estudo teve como finalidade evidenciar a participação das mulheres no campo esportivo de alto rendimento e aprofundar a reflexão sobre o conteúdo ideológico das reportagens divulgadas pela mídia jornalística brasileira sobre o tema, à luz de gênero. O recorte feminino para a análise na perspectiva de gênero se justifica devido à ausência ou pouca representatividade das atletas mulheres no decorrer da história dos Jogos Olímpicos. Assim, pode contribuir para desvelar os avanços e os retrocessos das questões de gênero associadas às atletas nos esportes, ampliando a compreensão do fenômeno, por desvelar os processos de produção e reprodução da ideologia sexista que permeia a sociedade e suas consequências para a vida das mulheres, incluindo os esportes.

O estudo teve como questão de pesquisa: Qual é o teor das reportagens publicadas em jornais brasileiros sobre a participação das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, na perspectiva de gênero?

## Objetivo

Conhecer o conteúdo ideológico das reportagens publicadas em jornais brasileiros sobre a participação das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, à luz de gênero.

## Metodologia

Trata-se de um estudo documental, descritivo e analítico de abordagem qualitativa, cuja fonte de dados foram reportagens da mídia jornalística.

Os dados foram obtidos a partir de reportagens sobre os Jogos Olímpicos Tóquio 2020 dos três jornais brasileiros de maior circulação nacional, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação, a saber, O Estado de São Paulo (ESP), Folha de São Paulo (FSP) e O Globo (OG) (O GLOBO, 2022). Além da representatividade midiática nacional, esses jornais publicaram cadernos especiais sobre o evento, sendo consultada a versão *online*.

As reportagens foram publicadas entre 23 de julho e 23 de setembro de 2021, correspondendo às datas de abertura das Olimpíadas e do encerramento das Paralimpíadas Tóquio 2020. A coleta de dados foi realizada no período de outubro a novembro de 2021.

Foram selecionadas publicações cujas personagens centrais eram mulheres atletas. Inicialmente, foram selecionadas 32 reportagens do jornal ESP, 101 da FSP e 66 do OG. Na primeira fase, foi efetuada a leitura dos títulos das reportagens e das manchetes e,

posteriormente, a leitura na íntegra. Dessas, foram excluídas as publicações de resultados, escores, ranqueamentos e cronograma dos jogos. Obteve-se um total de 24 reportagens do jornal ESP, 87 da FSP e 46 do OG, totalizando 157 reportagens.

Para o registro dos dados foi desenvolvido um instrumento semiestruturado, contendo as informações: número da reportagem, título da reportagem, nome do veículo, modalidade olímpica ou paralímpica, sexo da autoria da reportagem, modalidade esportiva e trechos que abordam a questão de gênero.

Os trechos das reportagens selecionados foram submetidos à análise de conteúdo temática, constituída pelas etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, interpretação e inferência (BARDIN, 2011), com o apoio do software *Web Qualitative Data Analysis* (webQDA) (MINAYO; COSTA, 2019). A análise para a compreensão do objeto de estudo foi realizada a partir da categoria analítica gênero, que considera as desigualdades resultantes das diferenças entre homens e mulheres na sociedade, que configuram relações de poder (SCOTT, 1986).

O instrumento utilizado para a coleta de dados no formato *xlsx*. foi inserido no webQDA por meio da ferramenta de importação automática. Os dados referentes ao nome do veículo, modalidade olímpica ou paralímpica, sexo da autoria da reportagem e modalidade esportiva foram codificados automaticamente no sistema Descritores, enquanto os trechos que abordavam as questões de gênero foram codificados conforme a análise de conteúdo temática, por meio do sistema Códigos Árvore, que possibilitou a organização dos dados por ordem de recorrência das temáticas diante da quantidade das reportagens coletadas e analisadas.

Adotou-se o termo reportagem para identificar todos os textos publicados nos três jornais. Os trechos reproduzidos foram identificados com a letra R seguida de algarismo arábico para identificar sua sequência. O estudo não exigiu apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, uma vez que foram utilizadas informações de amplo acesso público.

## Resultados

O estudo foi composto por 157 reportagens. Dessas, 150 foram relacionadas às Olimpíadas e somente sete às Paraolimpíadas. A maior parte das reportagens foi publicada pela FSP (n=87), teve autores do sexo masculino (n=77), seguida por autoras do sexo feminino (n=37) e de ambos os sexos (n=10). Salienta-se que 33 reportagens não citaram a autoria. Sobre a modalidade esportiva, destacaram-se ginástica artística (n=33), skate (n=14), futebol (n=11), vôlei (n=8), atletismo (n=8) e boxe (n=6).

A análise dos dados possibilitou a emergência de quatro categorias empíricas: Mulheres pedem passagem; Sonho olímpico não tem idade; Saúde mental das atletas importa; Equidade de gênero nas Olimpíadas: um caminho possível?

## Mulheres pedem passagem

As reportagens incluídas nessa categoria indicam que, historicamente, a participação feminina foi negligenciada nos Jogos Olímpicos. Esta constatação se dá pela ausência ou exclusão de mulheres em determinadas modalidades esportivas durante um longo período da história e, atualmente, pelos salários e investimentos menores do que para os homens.

Os primeiros Jogos Olímpicos da modernidade, na Atenas de 1896, eram testosterona pura. Atribui-se a seu idealizador, o barão francês Pierre de Coubertin, a sentença furada: "Uma olimpíada com mulheres seria impraticável, desinteressante, sem estética e imprópria". (R62)

Historicamente, a participação feminina era menor no geral porque não havia a mesma oferta de vagas para elas. Muitas modalidades olímpicas permitiram apenas disputas no masculino - o futebol, por exemplo, fazia parte dos jogos desde 1900 para os homens, mas para as mulheres só foi permitido quase cem anos depois, em 1996. (R54)

Apesar do número crescente de atletas nas edições dos Jogos Olímpicos, evidencia-se o reduzido investimento na carreira profissional das mulheres que optam pelos esportes de alto rendimento.

A revista Forbes todo ano publica a lista dos cem atletas mais bem pagos do mundo. Em 2021, apenas duas mulheres estavam lá, ambas tenistas: a japonesa Naomi Osaka e a americana Serena Williams. (R96)

Mulheres recebem menos investimentos no esporte porque não estão na mídia; sem estarem na mídia, os esportes femininos não se popularizam, a prática esportiva segue sendo majoritariamente masculina; sem a massificação da prática esportiva entre meninas, não há o desenvolvimento das modalidades femininas; sem o desenvolvimento, elas não conseguem os melhores resultados; sem os resultados, elas seguem sem receber investimento. (R120)

Desde o início da carreira, as meninas, principalmente aquelas em situação de vulnerabilidade social, apresentam dificuldades para a manutenção dos treinamentos e encontram no apoio materno a motivação para a continuidade no esporte.

Ela começou cedo no esporte, aos nove anos e sempre contou com o sacrifício da sua mãe, que cuidou de outros oito filhos em uma casa simples de um cômodo, para conseguir treinar. (R152)

A família foi para o Quênia numa travessia marítima na qual parte dos passageiros morreu de fome e depois para Londres, onde foi criada. (...) Ela tem na mãe, que ficava horas em filas para conseguir comida para os filhos, sua maior inspiração. (R62)

Somada à carência de investimentos, as atletas são oprimidas no que se refere a outros marcadores sociais além do gênero, como é o caso das mulheres refugiadas, negras, transsexuais e deficientes.

Mesmo nascida em solo iraniano, ela cresceu sem poder representar um país, pois sua situação era de refugiada afegã, mesmo sem nunca ter pisado lá — o que só mudou

em 2013, quando o governo afegão incentivou o esporte com um campeonato de talentos para quem vivia fora do país. (R8)

Negra, filha de pai haitiano e mãe japonesa que foi criada nos Estados Unidos da América (EUA), ela já recebeu críticas por, na visão de alguns, não ser "suficientemente japonesa", alavancando a discussão sobre racismo e identidade nacional no país dos jogos. (R51)

Laurel Hubbard, da Nova Zelândia, fará história ao entrar no ginásio do levantamento de peso nesta segunda-feira. (...) A sua presença em Tóquio já é suficiente para tornar a edição olímpica emblemática. Afinal, o mundo verá, pela primeira vez, uma atleta transexual em ação na principal competição esportiva. (R9)

Lá no Japão, vimos uma mulher cadeirante de 56 anos quebrar recordes mundiais e ganhar mais uma medalha de ouro paralímpica para o Brasil. (R130)

As reportagens mostram os Jogos como um espaço privilegiado para o rompimento de padrões que acentuam a subalternidade feminina. Em Tóquio, por exemplo, destacaram-se as atletas alemãs da ginástica artística que vestiram uniformes que cobriam o corpo inteiro, em protesto à sexualização dos corpos femininos.

O que se defende não é a proibição dos collants na ginástica feminina ou os biquínis no handebol de praia. Mas sim que se trate como "normal" caso mulheres não se sintam confortáveis em utilizá-los. (...) Porque essas roupas não cumprem requisitos técnicos. Não interfere de nenhuma forma no desempenho das atletas. (R70)

## Sonho olímpico não tem idade

Foi destaque, a conquista da medalha olímpica por uma atleta brasileira de 13 anos. No entanto, ao mesmo tempo em que foi elogiada pelo feito inédito para a idade, as reportagens ressaltaram suas características infantis. Revelaram também que as meninas estão sujeitas a variadas situações de subalternidade de gênero e de geração, que comprometem a sua saúde física e mental.

Enquanto ganha o mundo sobre uma prancha com rodinhas, a menina de 13 anos com aparelho nos dentes, dança e acena feliz. Não tendo nada a perder, sua premiação é só lucro, algo de que ela pode desfrutar. Inocente demais para que a cobrança de um título torne sua vida um inferno ou para que leve em consideração o sério risco de sofrer um acidente grave. (R79)

A conquista de medalhas olímpicas por atletas jovens foi alvo de opiniões divergentes. Um político brasileiro declarou que a participação de crianças nos Jogos Olímpicos pode torná-las aptas para o trabalho remunerado, defendendo o trabalho infantil. Em contrapartida, especialistas compartilharam preocupação em relação à pressão pela vitória desde a infância, com consequências negativas para o desenvolvimento físico e psicológico.

Na infância o esporte deve ter caráter educacional, trabalhar habilidades motoras e ser fonte de diversão. Tornar-se atleta de elite, quando acontece, deve ser consequência, e não o propósito inicial. (R76)

A idade das atletas também foi relativizada conforme a modalidade esportiva. Para atletas do skate e da ginástica artística, o encerramento da carreira esportiva foi previsto para antes dos 25 anos de idade.

Quando comecei no skate, eram poucas meninas. Havia muito a ser desbravado. Não tinha nem categoria feminina nos campeonatos. Comecei com 17 anos. Eu me sentia velha. (R100)

Chamada de "vovó" pelas companheiras por sua experiência na seleção americana, a atleta de 24 anos conquistou sua primeira medalha olímpica e deverá se aposentar após Tóquio 2020. (R103)

Por outro lado, para atletas do voleibol e do ciclismo não houve problema em considerar sua participação após os 40 anos de idade.

Estou bem melhor agora do que quando tinha 20 anos. Tenho mais experiência, maturidade e me preparei muito melhor para estar aqui. A idade não quer dizer nada. (...) É isso que eu quero demonstrar com essa medalha e com esse feito na Olimpíada no auge dos meus 40 anos. (R18)

Estar no esporte por tanto tempo é por amor. (...) Tem pesquisas que mostraram que fisiologicamente a mulher perde muito pouco até os 50 anos. Então nunca pensei na minha idade como se fosse algo que pudesse me limitar. (R141)

## Saúde mental das atletas importa

As reportagens salientaram que o condicionamento físico das atletas não foi suficiente para o adequado desempenho esportivo. Para além da pandemia do novo coronavírus (COVID-19), foram relatadas questões de gênero que também impactaram as conquistas olímpicas.

A maioria de vocês me conhece como uma garota feliz, graciosa e cheia de energia. Mas ultimamente tenho me sentido arrasada e, quanto mais tento abafar a vozinha dentro da minha cabeça, mais alto ela grita. Não tenho mais medo de contar minha história. Também sou uma das sobreviventes dos abusos sexuais por parte de Larry Nassar. (R117)

A vivência da maternidade e de abusos sexuais no cenário esportivo foram elementos que se somaram à pressão cotidiana pela busca dos melhores resultados. Ficou evidente que a derrota não é opção para as atletas, pois é sinônimo de fragilidade e, conseqüentemente, de críticas negativas.

Quando Simone Biles, desde muito nova obrigada a carregar “o peso do mundo nas costas”, decide se retirar do evento mais importante do planeta, é como se seres vistos como especiais libertassem gente de todo canto do mundo, de qualquer setor da vida: uma licença para cada um aceitar suas próprias fragilidades. (R2)

Quanto mais você começa a ganhar e a se destacar, mais pressão vai sofrer. O atleta tem uma autocobrança muito alta. Ainda mais hoje, com a internet, em que fica exposto a críticas o tempo todo. É bem duro. (...) O esporte de alto rendimento é o oposto de saúde. Você está ali dando o seu máximo, competindo lesionado, com muita restrição, abrindo mão de muita coisa. (R100)

A desistência das competições pela principal atleta da ginástica artística foi motivo de alerta sobre a saúde mental no espaço esportivo. Apesar de estar fisicamente preparada para as disputas, a atleta afirmou que sua mente não estava em sincronia com o corpo e, portanto, não estava confortável para seguir nas competições.

Precisava entender por que o meu corpo e a minha mente não estavam em sincronia. O que aconteceu? Eu estava muito cansada? Treinei a minha vida toda, estava pronta, mas algo aconteceu. Mas, no fim das contas, a minha saúde significa mais do que qualquer medalha. (R117)

A desistência devido a problemas de saúde mental revela que as atletas não são máquinas de produzir resultados e conquistar medalhas, mas sim, seres humanos suscetíveis a desgastes emocionais. Diante disso, salienta-se a importância da oferta de uma rede de apoio às mulheres atletas, formada principalmente por profissionais de saúde.

O acompanhamento psicológico que recebe desde os 13 anos a ajudou nas turbulências. (...) “Do ano passado para cá consegui colocar em prática a parte de não me sentir nervosa, de manter o controle, de conseguir fazer tudo o que eu fazia no treino”. (R85)

## Equidade de gênero nas Olimpíadas: um caminho possível?

Apesar desta ser a 32<sup>a</sup> edição dos Jogos Olímpicos, uma parcela importante das reportagens relatou o pioneirismo das mulheres nesse espaço, tanto competindo como arbitrando, principalmente no que se referia às brasileiras.

Pioneirismo, ainda que tardio. A medalha conquistada na maratona aquática em Tóquio foi a primeira de ouro da natação feminina brasileira nos Jogos Olímpicos. (R27)

A árbitra brasileira se tornou a primeira mulher a apitar um jogo de basquete masculino em Olimpíadas. (R42)

O pioneirismo é marcado especialmente pela presença das atletas no pódio olímpico. Ainda que recente, esse pioneirismo é reflexo do reconhecimento da aptidão das mulheres para a prática esportiva e do investimento adequado para o desenvolvimento da carreira profissional.

Faz só 25 anos que as meninas podem ligar a televisão por aqui e ver mulheres conquistando pódios nas Olimpíadas. Pódios esses que tardaram a vir não pela falta de capacidade delas, mas pelo descaso dos homens, que sempre comandaram o esporte sem enxergar as mulheres. (R54)

Como o esporte está diretamente atrelado à educação, a lei mudou a realidade dos esportes femininos, porque obrigou as universidades a igualarem as bolsas esportivas oferecidas a homens e mulheres. (R120)

O aumento da visibilidade das atletas nos Jogos Olímpicos tem ocorrido dentro e fora das competições. O próprio COI tem modificado as normas regulamentadoras do evento a fim de garantir maior espaço para a participação feminina.

A edição do Japão é, sim, a mais "igualitária" se pensarmos na proporção entre homens e mulheres do mundo inteiro. Elas representarão 48,8% de todos os atletas na competição. É a menor diferença da história, e o objetivo do Comitê Olímpico Internacional é que não haja mais nenhuma diferença em Paris 2024, quando os jogos atingirem o tão sonhado 50-50. (R54)

As reportagens constataram que a visibilidade feminina nas diferentes modalidades esportivas pode ultrapassar a participação da atleta em si, pois as conquistas têm potencial para reverberar sobre as gerações futuras.

Nesses 20 anos, participei da construção do skate feminino. Se não tivesse tido uma Letícia Bufoni, uma Karen Jonz, uma Patiane Freitas, não teria uma Rayssa com nível tão alto e andando tão feliz hoje. Claro que o mérito é todo dela, mas a história importa também. (R100)

Eu tive meus modelos e foram muito importantes. Agora posso ser espelho para

alguém e inspirar outras pessoas. (R138)

Algumas reportagens mostraram a valorização da participação de meninas e mulheres nos Jogos Olímpicos para a desconstrução dos padrões sexistas no contexto esportivo e em outros espaços sociais.

O estudo também revelou que a maior participação feminina repercutiu positivamente na cobertura midiática do evento, porém não foi verificada na mesma proporção durante as Paralimpíadas. A mídia deu pouco destaque ao evento e menos ainda à atuação das paratletas, o que resultou num compilado inexpressivo de dados sobre o evento. Isso expõe lacunas de oportunidades, remuneração, patrocínios e visibilidade social a que estão sujeitas as paratletas, num contexto global.

## Discussão

Historicamente, para as mulheres, o esporte tem sido um espaço restritivo. Nos Jogos Olímpicos antigos, elas não podiam competir e, na condição de esposas, não tinham permissão sequer para assistir as competições. Com o passar do tempo e as transformações verificadas em todos os campos do social, a situação foi mudando paulatinamente. Na modernidade, a contribuição dos movimentos feministas e de mulheres foi essencial para o aumento da participação feminina no âmbito do trabalho, da educação, da saúde e também do esporte. Decorrente disso, evidenciou-se a diminuição das barreiras que impediam o acesso das mulheres aos eventos esportivos, principalmente de caráter internacional (SANTORO, 2007a).

Apesar do crescimento da participação feminina nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020, os resultados deste estudo revelaram a persistência dos estereótipos de gênero, principalmente no que se refere à participação das mulheres em determinadas modalidades esportivas e ao investimento na carreira profissional. Foram também constatados avanços em relação à diversidade sexual e geracional, à atenção para a saúde mental e à representatividade das conquistas das atletas.

No que diz respeito às modalidades esportivas, a ginástica artística apresentou maior número de reportagens associadas às atletas, seguida pelo skate e futebol. Apesar desse resultado reafirmar a concepção de que a ginástica artística é sinônimo de feminilidade, ao mesmo tempo, desconstrói a ideia de que skate e bola são coisas de menino.

Pesquisa da Nova Zelândia sobre a incorporação do surf e do skate nos Jogos Olímpicos verificou que essas modalidades esportivas são dominadas pelos homens. Entretanto, as mulheres do skate têm ainda menor visibilidade quando comparadas às do surf. Dessa maneira,

a inclusão dessas modalidades mostrou-se positiva para as atletas, ampliando a sua visibilidade e as oportunidades de investimento (WHEATON; THORPE, 2018).

Outro dado relevante do presente estudo foi o maior número de reportagens de autoria masculina. Apesar do crescimento do número de atletas mulheres nas últimas edições do evento, observa-se que isso não se aplica às jornalistas esportivas brasileiras. Assim, é possível considerar que a perspectiva sobre o desempenho das atletas nos Jogos Olímpicos na mídia jornalística brasileira ainda se dá predominantemente sob o olhar masculino.

A linguagem não é neutra no tocante às questões de gênero, pois reflete a relação entre os sexos na sociedade e a posição subalterna da mulher nesta relação. O predomínio do poder masculino na sociedade estende-se ao uso da linguagem e ela pode ser considerada sexista quando uma pessoa emite uma mensagem que por meio da forma, das palavras e dos modos estruturais, resulta em discriminação em razão do sexo (SANTORO, 2007b).

A linguagem sexista no espaço esportivo foi evidenciada em pesquisa australiana sobre a transmissão dos Jogos Olímpicos Rio 2016, a qual considerou que as representações de gênero transmitiam estereótipos por meio do conteúdo. Por exemplo, quando o jornalista enfatiza a condição de esposa e mãe, o público considera essa identidade em detrimento à de atleta (XU *et al.*, 2019).

Pesquisa norte-americana sobre a cobertura de esportes femininos e masculinos em programas de destaque na televisão durante três décadas, revelou tendência na divulgação do basquete, beisebol e futebol masculino. No entanto, a cobertura dos esportes femininos permaneceu baixa. Evidenciou-se, assim, que os telespectadores são alimentados constantemente por esportes masculinos, construindo e mantendo o interesse, o conhecimento e a conexão com o público (COOKY *et al.*, 2021).

As reportagens estudadas mostram que, do ponto de vista coletivo, o aumento da participação feminina é resultado da luta do movimento feminista em direção à inserção e o reconhecimento do protagonismo feminino nas competições esportivas. No entanto, individualmente, desde o início da carreira, as atletas precisam superar obstáculos relacionados à condição de gênero, classe social, raça-etnia e geração. As meninas e mulheres têm menos oportunidades e segurança para participar de atividades esportivas (MARTÍNEZ; MARTÍN; BENÍTEZ, 2021).

No início da carreira, as atletas dependem economicamente da família, o que dificulta sobremaneira, em especial para as meninas pertencentes às classes sociais desfavorecidas economicamente. Posteriormente, recebem seus proventos por meio de organizações esportivas ou patrocinadores. Na aposentadoria, há diminuição no número de competições e,

consequentemente, redução do rendimento financeiro (SUBIJANA *et al.*, 2020). Além disso, o investimento reduzido na carreira esportiva feminina também é responsável por motivar a desistência das atletas das competições, antes mesmo de se tornarem profissionais.

Pesquisa norueguesa, com 81 participantes de 12 e 13 anos de idade, verificou que o treinamento e o investimento emocional não apresentam diferenças entre meninos e meninas que praticam esportes. Todavia, as ambições são diferentes, pois os meninos referiram o desejo de alcançar o topo da carreira profissional esportiva e as meninas relatam o interesse pelo desenvolvimento das habilidades no esporte de preferência. Esse aspecto pode estar associado ao maior apoio financeiro destinado ao esporte masculino veiculado pela mídia (ERIKSEN, 2021).

Pesquisa britânica realizada durante os Jogos Olímpicos Rio 2016 verificou que os adolescentes são influenciados pela mídia em relação às concepções de gênero no espaço esportivo. Assim, destacou-se a pouca representatividade das mulheres atletas, a elevada cobertura midiática dos homens atletas, a valorização da figura masculina como herói, a sexualização do corpo feminino, a motivação dos homens para a prática esportiva devido à representatividade, riqueza e fama, e a comparação da aparência estética das mulheres como superior à performance atlética (METCALFE, 2019).

Pesquisa canadense sobre o discurso midiático relacionado à tenista Naomi Osaka ressaltou que a atleta, de origem haitiana e japonesa com cidadania japonesa e norte-americana, optou por representar o Japão devido à oportunidade de maior investimento na carreira esportiva. Outro aspecto evidenciado foi o apagamento da identidade negra da atleta pela mídia, reforçando a ideia de que uma mulher de pele mais clara tem melhores competências esportivas (RAZACK; JOSEPH, 2021).

Além de as atletas estarem sujeitas à opressão dos diferentes marcadores sociais que conformam sua inserção na sociedade, também são pressionadas a buscar os melhores resultados, pois o investimento financeiro das organizações esportivas e patrocinadores depende das suas conquistas. Essa pressão, vivida num espaço hipercompetitivo, impacta diretamente a saúde mental das atletas.

Pesquisa norte-americana envolvendo 192 reportagens sobre a participação da ginasta Simone Biles nos Jogos Olímpicos Tóquio 2020 destacou a identidade da atleta como mulher negra americana, bem como a influência do sexismo, racismo e nacionalismo sobre a sua saúde mental. A análise das reportagens demonstrou a ampla cobertura em relação à saúde mental, as implicações individuais e da equipe, e os traços heroicos e de gênero (THOMPSON *et al.*, 2022).

Outra pesquisa alemã com 85 atletas olímpicos de 24 países verificou que a maioria apresentou desgaste psicológico, devido ao adiamento das Olimpíadas Tóquio 2020, em decorrência da pandemia de COVID-19. O desgaste psicológico impactou o treinamento, a motivação e a autorregulação. Além disso, poucos atletas relataram receber apoio profissional à saúde mental. Os autores sugerem que a negligência da saúde mental precisa ser abordada pelas federações e associações esportivas (LAMBERT *et al.*, 2022).

Outro dado que chama a atenção é que apesar do aumento das mulheres atletas, não tem aumentado o número de mulheres na medicina esportiva. Assim, ainda há muito a desenvolver nessa área, em relação à saúde física, aos desgastes da prática esportiva e à prevenção de assédio sexual perpetrado por treinadores e médicos (BORJA *et al.*, 2022). Isso também evidencia que às mulheres precisam ser garantidas todas as possibilidades, não só no esporte ou na medicina esportiva.

No âmbito da formação das atletas, pesquisa espanhola com 127 professores e treinadores sobre os estereótipos de gênero no esporte evidenciou a necessidade de os educadores analisarem os valores, as crenças e os comportamentos que transmitem aos educandos, principalmente, no que se refere à reprodução dos estereótipos de gênero. Para tanto, as mudanças precisam começar pelo currículo dos educadores que atuam junto aos adolescentes (MATEO-ORCAJADA *et al.*, 2021).

Em relação à mídia, pesquisa norte-americana sobre as tendências dos enquadramentos de gênero no conteúdo digital, compartilhado nas plataformas de mídia social das emissoras olímpicas dos EUA, verificou mudança na veiculação da imagem das atletas. O estudo identificou que as mulheres não foram sub-representadas em esportes de força, bem como tiveram a mesma probabilidade que os homens de serem registradas quando estavam competindo (JOHNSON *et al.*, 2022).

Nessa perspectiva, sugerem-se algumas medidas para o tratamento das mulheres no esporte por parte da mídia: utilizar o nome das atletas, designar os eventos esportivos como uma competição feminina ou masculina e evitar as descrições que enfatizam a aparência física ou as habilidades que não estão relacionadas ao rendimento atlético (SANTORO, 2007a).

No campo científico, uma revisão sistemática sobre a cobertura midiática das mulheres durante os Jogos Olímpicos verificou o crescimento lento dos estudos relacionados ao tema desde o ano 2000, com o maior número de produções registradas em 2015. Os resultados indicam que, apesar de ter sido constatado avanço na cobertura das mulheres, ainda há preconceitos relacionados à baixa representação das atletas nos textos e nas imagens, diferenças na sua descrição e maior atenção aos esportes entendidos como masculinos (FERNÁNDEZ;

MUÑOZ, 2021).

Pesquisa sobre as mídias sociais e as Olimpíadas Tóquio 2020 afirma que a mídia se tornou parte do consumo esportivo e uma ferramenta para a mudança do retrato tendencioso e estereotipado das atletas. Com base em relatos de informantes-chave do Comitê Olímpico Europeu, conclui-se que essa forma de comunicação social, comparativamente à imprensa, tem maior consciência das desigualdades e pode fortalecer a missão da busca da igualdade de gênero nos esportes (GRABMULLEROVÁ, 2022).

No que se refere ao comitê organizador, nessa última edição, observou-se avanço na atenção aos direitos humanos de atletas transgêneros, historicamente marginalizadas nos esportes (HARPER, 2022). Esse avanço foi conquistado pela maior participação da população LGBTQIAP+ em Tóquio. Apesar dos avanços em relação à diversidade de gênero durante o evento, no COI ainda há pouca participação de mulheres, principalmente, na administração e nos cargos diretivos (MARTÍNEZ; MARTÍN; BENÍTEZ, 2021).

Um estudo de caso sobre as Olimpíadas Tóquio 2020 denuncia problemas de atletas como *doping* e assédio sexual, além da disparidade das sanções aos Comitês Olímpicos em diferentes países que deveriam cuidar da saúde dos atletas. Assim, soma-se à falta de atenção às atletas a negligência perpetrada pelos Comitês em relação à prevenção e detecção de assédio, especialmente sexual, cometidos por treinadores e médicos (DUBINSKY, 2022).

Apesar de as reportagens revelarem maior participação feminina nos Jogos Olímpicos, em especial na última edição, constata-se que ainda existe um longo caminho a ser percorrido para a equidade de gênero nos esportes. Os resultados do presente estudo sugerem que as transformações precisam iniciar na formação dos atletas, ainda na infância, avançando para a vida adulta, principalmente no que se refere à maior visibilidade das atletas pela mídia e ao maior investimento financeiro para a consolidação profissional na carreira esportiva.

No entanto, esse mesmo avanço não foi verificado na cobertura da participação de mulheres nas Paralimpíadas Tóquio 2020. A representação midiática escassa de atletas portadores de deficiência também foi apontada em pesquisa da cobertura espanhola das edições dos Jogos Paralímpicos de 2014, 2016 e 2018 e está relacionada à manutenção do preconceito, rotulação, perda de status e discriminação (KOLOTOUCHKINA *et al.*, 2020). Nesse caso, pode-se afirmar que o fato está relacionado à duplicidade da subalternização das mulheres paratletas, evidenciando-se o androcentrismo e o capacitismo como expressões sociais das desigualdades.

O presente estudo teve como limitações a abordagem restrita às atletas mulheres e o uso exclusivo de reportagens sobre os Jogos Olímpicos Tóquio 2020. Pesquisas futuras devem

envolver também os atletas homens e outros eventos esportivos nacionais e internacionais, a fim de compreender de que maneira a mídia jornalística retrata as mulheres e os homens atletas, para além das Olimpíadas. Tal limitação não invalida o estudo, pois os resultados contribuem para a construção do conhecimento sobre questões de gênero nos esportes e a estruturação e reprodução dos padrões sexistas na sociedade.

### **Considerações finais**

Os Jogos Olímpicos representam o principal evento esportivo mundial e constituem um espaço para desvelar a historicidade da ausência ou da pouca presença das mulheres no esporte. Apesar do crescimento da participação feminina nas modalidades esportivas, observa-se que o investimento na carreira profissional das atletas persiste como obstáculo para a conquista de medalhas olímpicas. Além disso, as mulheres ainda se deparam com marcadores sociais de gênero, raça-etnia, geração, orientação sexual, capacidade corporal, entre outros, que tornam mais difícil aspirar chegar ao pódio, como é o caso das atletas refugiadas, negras, transexuais e deficientes. No tocante às atletas paralímpicas, permanece a ideia de capacitismo que as afasta ainda mais da conquista por direitos igualitários.

Dadas as dificuldades históricas, o sonho da conquista olímpica para as meninas que optam pela carreira esportiva é recente, difícil e tortuoso. Porém, tanto quanto as demais conquistas sociais das mulheres, tem sido estimulado por diferentes medidas que visam à desconstrução de estereótipos. Exemplos disso foram a opção do uniforme de corpo inteiro pelas atletas alemãs, a presença de atletas de diferentes gerações nas competições e nos pódios, a discussão sobre a importância da saúde mental em sincronia com a saúde física e a repercussão das conquistas femininas para empoderamento de meninas e mulheres no esporte.

Apesar dos diferentes obstáculos vivenciados pelas atletas nesse campo, reconhece-se que o aumento da representação feminina no principal evento esportivo do mundo é fruto da luta das mulheres em direção à igualdade de gênero, fundamental para o alcance dessa condição, tanto no palco como nos bastidores das competições.

Considera-se que a mídia jornalística se revelou como espaço privilegiado para a reflexão sobre as questões de gênero que estruturam e conformam as práticas esportivas, pois é responsável por comunicar o acontecimento esportivo e o conteúdo ideológico sobre a participação das mulheres atletas nos Jogos Olímpicos.

## Referências

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BORJA, Celina de *et al.* Optimizing Health and Athletic Performance for Women. **Curr Rev Musculoskelet Med.**, v. 15, p. 10-20, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s12178-021-09735-2>. Acesso em: 24 jul. 2022.
- COOKY, Cheryl *et al.* One and Done: The Long Eclipse of Women's Televised Sports, 1989-2019. **Commun Sport**, v. 9, n. 3, p. 347-71, 1 jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/21674795211003524>. Acesso em: 11 jul. 2022.
- DUBINSKY, Yoav. The Olympic Games, nation branding, and public diplomacy in a post-pandemic world: Reflections on Tokyo 2020 and beyond. **Place Brand Public Dipl.**, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1057/s41254-021-00255-x>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- ERIKSEN, Ingunn Marie. Teens' Dreams of becoming professional athletes: the gender gap in youths' sports ambitions. **Sport Soc.**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17430437.2021.1891044>. Acesso em: 9 jul. 2022.
- FERNÁNDEZ, Juana Salido; MUÑOZ, Ana Muñoz. Media Representation of Women Athletes at the Olympic Games: A Systematic Review. **Apunt Educ Fis y Deport.**, v. 146, p. 32-41, 2021. Disponível em: [https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.\(2021/4\).146.04](https://doi.org/10.5672/apunts.2014-0983.es.(2021/4).146.04). Acesso em: 16 jul. 2022.
- FORNARI, Lucimara Fabiana *et al.* Gender perspective in reports on women athletes in Rio 2016 Olympic Games. **Texto context – enferm.**, v. 28, p. e20180170, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0170>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- GRABMULLEROVA, Aneta. Social Media and the Olympics: A Chance for Improving Gender Equality. **Front. Sports Act. Living**, v. 4, p. 825440, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fspor.2022.825440>. Acesso em: 23 jul. 2022.
- HARPER, Joanna. Transgender athletes and international sports policy. **Law Contemp Probl.**, v. 85, n. 1, p. 151-65, 2022. Disponível em: <https://scholarship.law.duke.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=5035&context=lcp>. Acesso em: 2 jul. 2022.
- JOHNSON, Rich *et al.* Shared Space: How North American Olympic Broadcasters Framed Gender on Instagram. **Commun Sport**, v. 10, n. 1, p. 6-29, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2167479520932896>. Acesso em: 3 jul. 2022.
- KOLOTOUCHKINA, Olga *et al.* Disability, Sport, and Television: Media Visibility and Representation of Paralympic Games in News Programs. **Sustainability**, v. 13, n. 1, p. 256, 29 dez. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/su13010256>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- LAMBERT, Christophe *et al.* Depressive symptoms among Olympic athletes during the Covid-19 pandemic. **BMC Sports Sci Med Rehabil**, v. 14, n. 36, p. 1-9, 10 mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13102-022-00427-z>. Acesso em: 5 jul. 2022.

MARTÍNEZ, Lluisa Aitana; MARTÍN, Diego Gavián; BENITEZ, Jenny Martínez. La brecha de género en el deporte: el caso de una marginación histórica y socialmente. **Rev Psicol y Ciencias Afines**, v. 38, n. 3, p. 73-86, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.16888/interd.2021.38.2.5>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MATEO-ORCAJADA, Adrián *et al.* Gender Stereotypes among Teachers and Trainers Working with Adolescents. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 18, n. 24, p. 12964, 8 dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph182412964>. Acesso em: 4 jul. 2022.

METCALFE, Sarah Nicola. The development of an adolescent sporting gendered habitus: young people's interpretation of UK sports-media coverage of Rio 2016 Olympic Games. **Eur J Sport Soc.**, v. 16, n. 4, p. 361-78, 26 nov. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/16138171.2019.1693145>. Acesso em: 8 jul. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Techniques that use speech, observation, and empathy: qualitative research in action**. Aveiro: Ludomedia, 2019.

NUNES, Rita Amaral. Women athletes in the Olympic Games. **Journal of Human Sport and Exercise**, n. 14, n. 3, p. 674-83, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14198/jhse.2019.143.17>. Acesso em: 20 jul. 2022.

O GLOBO. O GLOBO foi o jornal mais lido do país em 2021. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 fev. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/o-globo-foi-jornal-mais-lido-do-pais-em-2021-25376960>. Acesso em: 15 jul. 2022.

PAPE, Madeleine. Gender Segregation and Trajectories of Organizational Change: The Underrepresentation of Women in Sports Leadership. **Gend Soc.**, v. 34, n. 1, p. 81-105, 1 fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0891243219867914>. Acesso em: 17 jul. 2022.

RAZACK, Sabrina; JOSEPH, Janelle. Misogynoir in women's sport media: race, nation, and diaspora in the representation of Naomi Osaka. **Media, Cul Soc.**, v. 43, n. 2, p. 291-308, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0163443720960919>. Acesso em: 7 jul. 2022.

SANTORO, Sonia. Recomendaciones para el tratamiento de temas de violência, niñez y deporte. In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. **Las palabras tienen sexo: introducción a um periodismo com perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007a. p. 153-172.

SANTORO, Sonia. La práctica del periodismo de género. In: CHAHER, Sandra; SANTORO, Sonia. **Las palabras tienen sexo: introducción a um periodismo com perspectiva de género**. Buenos Aires: Artemisa Comunicación Ediciones, 2007b. p. 137-152.

SCOTT, Joan. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, v. 91, n. 5, p 1053-75, 1986. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1864376>. Acesso em: 14 jul. 2022.

SUBIJANA, Cristina López de *et al.* The Employability Process of Spanish Retired Elite Athletes: Gender and Sport Success Comparison. **Int. J. Environ. Res. Public Health**, v. 17,

n. 15, p. 5460, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17155460>. Acesso em: 10 jul. 2022.

THOMPSON, Kevin *et al.* “We’re Human Too”: Media Coverage of Simone Biles’s Mental Health Disclosure during the 2020 Tokyo Olympics. **Electron News**, v. 16, n. 3, p. 187-201, 24 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/19312431221095207>. Acesso em: 6 jul. 2022.

WHEATON, Belinda; THORPE, Holly. Action Sports, the Olympic Games, and the Opportunities and Challenges for Gender Equity: The Cases of Surfing and Skateboarding. **J Sport Soc Issues**, v. 42, n. 5, p. 315-342, 1 out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0193723518781230>. Acesso em: 13 jul. 2022.

XU, Qingru *et al.* Gender differences through the lens of Rio: Australian Olympic primetime coverage of the 2016 Rio Summer Olympic Games. **Int Rev Sociol Sport**, v. 54, n. 5, p. 517-35, 1 ago. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1012690217710690>. Acesso em: 12 jul. 2022.

---

<sup>i</sup> Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem, Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2019-). Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Enfermagem da EE-EERP/USP (2015-2019). Realizou estágio sanduíche na Universidade de Aveiro, Portugal (2018). Mestra em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná (2012-2014). Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Centro-Oeste / PR (2007-2010). Membro dos grupos de pesquisa do Diretório do CNPq: Gênero, Saúde e Enfermagem; Bases conceituais e metodológicas da enfermagem em saúde coletiva; Gênero, Mulher e Cidadania: perspectivas interdisciplinares em saúde e comunicação. Atua em pesquisa e ensino nos seguintes temas: violência de gênero; tecnologias educativas; cuidado de enfermagem na Atenção Primária em Saúde; oficinas crítico-emancipatórias; saúde coletiva e políticas públicas; metodologia qualitativa e uso de ferramentas digitais.

<sup>ii</sup> Doutora em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Enfermagem da EE-EERP/USP. Vice-líder do Núcleo de Estudos em Saúde Coletiva (NESC) da UFPR, membro do Grupo de Pesquisa Gênero Saúde e Enfermagem - USP, e do Grupo de Pesquisa Gênero, Mulher e Cidadania da USCS. Professora adjunta do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Paraná (UFPR) da área de Saúde Coletiva. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação Prática do Cuidado em Saúde da UFPR (PPGPCS) e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFPR (PPGEnf). Atualmente é editora Associada da Revista Acta Paulista de Enfermagem.

<sup>iii</sup> Professora Emérita da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (2019). Graduada em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (1970). Professora Titular do Departamento de Enfermagem em Saúde Coletiva da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo desde 1996 até a aposentadoria em 2017. Vice-diretora da Escola de Enfermagem da USP gestão 1996 a 1998. Diretora da Escola de Enfermagem da USP gestão 1998 a 2003, Diretora Nacional do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem CEPEn da Associação Brasileira de Enfermagem gestão 2011 a 2014. Professor Sênior da Escola de Enfermagem da USP 2017-2019 e 2019-2021. Docente credenciada no Programa Interunidades de Doutorado em Enfermagem EERP-EEUSP (CAPES 6) e no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da EEUSP (CAPES 6). Editora Chefe da Revista da Escola de Enfermagem da USP REEUSP (2018 FI 0,945). Pesquisadora Produtividade Sênior do CNPq desde 2019, tendo sido anteriormente Pesquisadora Produtividade 1A por 15 anos. Coordenadora do Comitê de Assessoramento da área de Enfermagem do CNPq gestão 2015-2018. Assessora para Assuntos Acadêmicos e de Pesquisa da Diretoria Nacional da ABEn gestão 2017-2019. Membro do Comitê de Avaliação de Periódicos de Enfermagem da BVS-Enfermería, gestão 2018 a 2021.

<sup>iv</sup> Livre Docente em Enfermagem em Saúde Coletiva e atualmente é Professora Titular Sênior da Universidade de São Paulo. Tem experiência de investigação na área de Enfermagem em Saúde



---

Coletiva, atuando principalmente nos seguintes temas: gênero e enfermagem, enfermagem em saúde coletiva, saúde da mulher, violência contra a mulher; violência contra a criança. Foi Diretora do Centro de Estudos e Pesquisas em Enfermagem da Associação Brasileira de Enfermagem (2010-2013), coordenadora do Departamento de Atenção Primária de Saúde e Editora Científica da Revista Brasileira de Enfermagem (2013-2016), Presidente Nacional (2016-2019). É Editora Associada da Revista da Escola de Enfermagem da USP. É membro Titular do Conselho Estratégico Universidade e Sociedade da Universidade Federal de São Paulo, Membro Titular da Câmara Técnica de Atenção Básica do Conselho Nacional de Saúde e Membro Suplente da Comissão Interministerial de Saúde da Mulher do Conselho Nacional de Saúde.